

## Perfil de descendentes de poloneses residentes no sul do Brasil: a constituição da(s) identidade(s)

Polish descendants profile residing in southern Brazil: the establishment of identity(ies)

Silvia Regina Delong<sup>\*</sup>  
Dorotea Frank Kersch<sup>\*\*</sup>

**RESUMO:** O Paraná é um dos Estados do Brasil que mais recebeu imigrantes poloneses no início do século passado. Entretanto, hoje ainda se sabe pouco a respeito deles, principalmente porque se carece de trabalhos que abordem as questões identitárias desse grupo étnico. O objetivo deste artigo é discutir como, na fala de um jovem padre descendente de poloneses, ele constitui a sua identidade étnica e social e como a religiosidade dessa etnia ajuda a manter a língua viva entre os falantes, inclusive os da área urbana. Na perspectiva desse descendente de imigrantes poloneses, abordam-se questões culturais e religiosas e algumas formas de preconceitos sofridos na infância e na adolescência, principalmente o linguístico. Apesar do preconceito, são a língua e a religiosidade que constituem a identidade social e étnica desse grupo de descendentes de imigrantes residentes no Brasil.

**PALAVRAS-CHAVE:** Identidade Social e Étnica. Imigrantes Poloneses. Bilinguismo.

**ABSTRACT:** Paraná is one of the Brazilian states that received the highest number of Polish immigrants at the beginning of the last century. However, little is still known about them, mainly because we lack studies that attempt to tackle their identity issues. The purpose of this study is to discuss how a young priest who is a Polish descendant establishes his social and ethnic identity and how the religion of this ethnic group helps to maintain the language alive among the speakers, including those in the urban areas. By interviewing this Polish immigrant descendant, we tackled cultural and religious issues and also some forms of prejudice suffered in childhood and adolescence, especially the linguistic one. Despite the prejudice, language and religion are the main factor constituting the social and ethnic identity of this group of Polish immigrants descendants residing in Brazil.

**KEYWORDS:** Social and Ethnic Identity. Polish Immigrants. Bilingualism.

### 1. Introdução

Ainda hoje há quem alimente o mito em torno de um ideal de língua única falada no Brasil. Ingenuamente, muitos acreditam que se fala somente o português em todo o território nacional. Mas, de acordo com Rodrigues (1966), além da língua portuguesa, considerada a língua oficial, há também outras, como, por exemplo, as línguas indígenas, as africanas, as línguas das minorias europeias e asiáticas que, em muitos lugares do território brasileiro,

<sup>\*</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da UNISINOS, São Leopoldo (RS), Brasil. [sradelong@gmail.com](mailto:sradelong@gmail.com).

<sup>\*\*</sup> Doutora em Filologia Românica pelo *Christian Albrechts Universität zu Kiel*, Alemanha e Professora Adjunta UNISINOS, São Leopoldo (RS), Brasil. [doroteafk@unisinis.br](mailto:doroteafk@unisinis.br)

ainda as preservam. Neste artigo, pretendemos contribuir para essa discussão, ajudando a desconstruir esse mito, dando destaque à língua polonesa falada no Paraná, mais precisamente na região de Cruz Machado, onde a língua é utilizada em outros domínios, além do familiar, como no religioso, uma vez que, nas igrejas, ainda há missas rezadas nessa língua.

Bagno e Rangel (2005) advertem para a crença na unidade linguística no Brasil e explicam que a UNESCO classifica o Brasil como um país multilíngue, onde são faladas, além do português brasileiro, cerca de 200 línguas diferentes, das quais aproximadamente 170 autóctones (indígenas) e as demais, alóctones (trazidas pelos imigrantes europeus e asiáticos). As línguas minoritárias acabam sendo invisíveis aos olhos de muitas pessoas. Para Maher (2007, apud Fritzen 2008, p. 74) “o conceito de língua minoritária não está associado ao número de falantes de uma língua, mas ao prestígio que a língua desfruta no meio social, sendo, pois, entendido em seu sentido político”.

No caso dos poloneses, para compreender as razões da vinda desses imigrantes ao Brasil, é preciso entender o contexto histórico da imigração e os principais fatores que contribuíram para sua saída da terra natal. Neste estudo, discute-se a questão da identidade étnica e social dos descendentes de poloneses que vivem no Brasil, mais especificamente no Estado do Paraná, onde há muitas comunidades que ainda utilizam a língua polonesa no seu dia a dia, não somente no domínio doméstico, mas principalmente nas igrejas, onde, como se disse, missas são rezadas nessa língua.

Um dos fatores mais relevantes que levou os poloneses a virem para o Brasil foram as invasões ocorridas nas terras polonesas. Devido a essas constantes invasões, a Polônia quase desapareceu do mapa europeu. Woodward (2013, p. 22), apesar de tratar de contextos migratórios mais recentes, permite que entendamos a migração de um modo geral, ou seja, “é um processo característico da desigualdade em termos de desenvolvimento”. A autora acrescenta que “o fator de ‘expulsão’ dos países pobres é mais forte do que o de ‘atração’ das sociedades pós-industriais e tecnologicamente avançadas”. Assim, no caso dos imigrantes poloneses, dominados pela Áustria, Prússia e Rússia, no final do século XIX, essa desigualdade pode ser traduzida a) pelas condições de extrema penúria vivida pelos camponeses poloneses; b) pela proibição do uso da língua nacional em locais públicos, tais como igrejas, colégios, universidades; c) pelo uso obrigatório da língua alemã nas escolas normais e secundárias, bem como nos setores administrativos e na magistratura; d) pela substituição dos nomes poloneses nas cidades, ruas e praças. Todas essas medidas extremas

visavam à destruição da cultura e dos valores nacionais poloneses.

Urban e Urban (1980, p. 25) explicam que,

Em tal cenário, milhares de camponeses viviam na miséria e sem perspectivas. Os óbitos de crianças eram astronômicos. Doenças endêmicas como tifo, cólera e disenteria dizimavam a população. Famintos, desesperados, proibidos de falar sua própria língua e sem qualquer apoio – num país dominado por potências estrangeiras, a quem iriam pedir proteção? -, a massa de camponeses poloneses do século XIX constituiu um terreno fértil onde plantar a semente da diáspora.

Em contrapartida, aqui no Brasil, um dos fatores que marcou o contexto histórico da imigração foi o movimento abolicionista<sup>1</sup>, ocorrido a partir da segunda metade do século XIX. Na época, o governo começou a atrair imigrantes, principalmente europeus, com o objetivo de fazer o branqueamento do povo brasileiro, bem como o de trabalhar em suas terras, pois já não podia contar com a mão-de-obra escrava. Contudo, muitos imigrantes que vieram cheios de esperança para cá, logo em seguida, sentiram que haviam sido enganados, porque acreditavam que aqui poderiam encontrar melhores condições de vida. Tal desilusão aumentou quando chegaram ao lugar a eles destinado. Desamparados e sem ter a quem reclamar, impossibilitados de se comunicarem porque não dominavam a língua falada no Brasil, eles tiveram de se adaptar às condições precárias do lugar.

Para discutir como um jovem padre descendente de imigrantes poloneses constituiu sua identidade étnica e social, dividimos este artigo em cinco partes. Iniciamos traçando um breve retrato histórico da Polônia de modo a que, na sequência, possamos compreender um pouco como esse grupo étnico vive e se organiza no Paraná. Em seguida, apresentamos alguns pressupostos teóricos que nos ajudarão a compreender os dados gerados – identidade, atitudes e letramento litúrgico. Na terceira seção, apresentamos o participante do estudo e a forma de geração dos dados. Na quarta, analisamos e discutimos os dados para, por fim, tecer algumas considerações finais que encaminharão também estudos futuros.

## **2. Da Polônia ao Brasil: a imigração polonesa no Paraná, seus símbolos e as suas tradições**

Os povos eslavos, no século IX, se desenvolveram rapidamente, formando o Estado dos polanos, que habitavam a região de Poznań (mais tarde denominada Polônia Maior) e eram conhecidos por “cultivar a terra para a lavoura” (IAROCHINSKI, 2000, p. 17). Surge,

<sup>1</sup> [www.historiadobrasil.net/abolicaoadaescravatura/](http://www.historiadobrasil.net/abolicaoadaescravatura/) acesso em 28.03.2014

então, a primeira dinastia sob o comando do rei polonês Mieszko I, que se converteu ao cristianismo. Depois da sua conversão, decidiu unir a Pomerânia ao seu reino, devido ao grande número de poloneses pagãos que se encontravam sob o domínio de Otto II, imperador alemão. Assim, um dos objetivos de Mieszko I era que os povos com a mesma língua, costumes e tradições permanecessem unidos sob o mesmo brasão.

A partir daí, a Polônia começa a sofrer muitos esfacelamentos. Entretanto, apesar de ser alvo de disputa entre vários povos, tais como russos, alemães, austríacos, dentre outros, e ter ficado apagada do mapa por mais de cem anos, não ficou esquecida porque os poloneses se renderam apenas superficialmente. Segundo Iarochinski (2000, p. 23), a Polônia, apesar de não ter mais Estado próprio, mantinha a sua identidade e a sua consciência nacional porque preservava o sentimento de distinção religiosa, linguística, cultural e étnica, o qual não se perdeu com o passar do tempo, pelo contrário, se tornou cada vez mais fortalecido.

Segundo Stawinski e Busatta (1981, p. 31-32),

Os poloneses gemeram sob o jugo da escravidão durante 125 anos. A Prússia, na ânsia de anexar, definitivamente, a região ocupada, envidou todos os meios para “germanizar” os poloneses, proibindo o uso da língua polonesa nas escolas, nas repartições públicas e nas igrejas. Na segunda metade do século XIX, os poloneses, sob a dominação russa, sofreram horrores. (...) Muitos sacerdotes foram presos e deportados para a Sibéria e condenados a trabalhos pesados. Os remanescentes padres católicos foram sendo substituídos por popes ortodoxos. (...) Sem instrução, sem liberdade e sem religião, a população polonesa, onerada com pesados impostos, estava, fatalmente, destinada ao extermínio. Famosos poetas, escritores e músicos poloneses, banidos do seu torrão natal e homiziados na França e nos outros países europeus, criavam poemas, compunham músicas e elaboravam mensagens, cheias de sentimentos religiosos e patrióticos, animando aos patrícios a não se deixarem “russificar” e vaticinando que a Polônia, qual outra Fénix, iria ressurgir das cinzas.

Aparentemente, mesmo diante de tantos sofrimentos e de tantas dominações, a identidade do povo polonês se manteve intacta. De acordo com os autores acima (1981, p. 32), “o que impediu e impossibilitou a ‘prussificação’ e a ‘russificação’ dos poloneses foram o patriotismo, a língua, a religião, o amor a Cristo e a Nossa Senhora de Czestochowa e a fidelidade filial à Igreja Católica”. Assim, cansados de tantas lutas e disputas por suas terras, muitos poloneses desejavam ter um pedaço de terra que fosse seu, para poder cultivá-la e torná-la produtiva, e esse foi um dos motivos que os levou a vir ao Brasil, principalmente ao Estado do Paraná.

Quando os poloneses chegaram ao Brasil, por volta de 1870, eles inicialmente se

estabeleceram em Santa Catarina, mas logo a seguir reemigraram para o Paraná. Segundo Oliveira (2010, p.83),

O Paraná foi o Estado da federação que mais recebeu imigrantes poloneses em toda a história do Brasil. Entre 1870 e 1914, dos cerca de 105 mil que chegaram ao país, 41.646 poloneses (39,7% do total) se instalaram definitivamente em Curitiba e arredores, além de outras localidades no interior do Estado. Esse grande número prenunciava não apenas o impacto futuro que a comunidade exerceria sobre a sociedade local, mas também as novas formas de organização social e cultural que esta pouco a pouco adotaria.

Entretanto, Polanczyk (2010, p.21) adverte que não existem dados confiáveis quanto ao número de poloneses que chegaram ao Brasil. Isso porque a maioria veio com passaporte russo, austríaco ou do Reino da Prússia, não sendo registrados como poloneses pelas autoridades brasileiras. Mesmo assim, Curitiba é considerada a capital polonesa no Brasil, devido ao contingente de imigrantes poloneses que se estabeleceram na cidade e nos seus arredores.

Essa controvérsia, todavia, não é somente relacionada ao número de imigrantes que se estabeleceram no Paraná. Há controvérsias também em torno da história dos imigrantes poloneses no Paraná. Em 2011, em comemoração ao Centenário da Imigração Polonesa em Cruz Machado, no Paraná, foi feito um pequeno documentário chamado “Nossa história, nossa vida”, produzido por Luiz Carlos Lopes<sup>2</sup>. O elenco foi constituído por pessoas da própria comunidade da zona rural. O filme narra a história do povo polonês, no final do século XVIII. Eles estavam vivendo um período de muitas revoltas internas e externas e o território estava sendo invadido pela Rússia, Prússia e Áustria. Devido às constantes revoltas, houve um período de pouca produção agrícola, pobreza, grande miséria e fome. Em contrapartida, no Brasil a escassez de mão de obra, o desejo de branqueamento do povo brasileiro e a colonização das terras do sul do país fizeram com que muitos poloneses acreditassem no que os agenciadores enganosos diziam: “Brasil, terra onde corre leite e mel”. Lopes (2011), em seu documentário, diferentemente do que foi escrito por Stawinski e Busatta (1981), não menciona a vinda dos poloneses a Santa Catarina. Ele descreve a trajetória desses imigrantes, desde a saída da Polônia, em 1911, até a chegada ao Porto do Rio de Janeiro e, em seguida, ao Porto de Paranaguá. De lá, eles se deslocaram a Curitiba de trem, seguindo para a cidade de Mallet, no interior do Paraná. Ao chegarem à estação ferroviária de

<sup>2</sup> “Nossa história, nossa vida” – documentário produzido em 2011, por Luiz Carlos Lopes, em comemoração ao Centenário da Imigração Polonesa, na região de Cruz Machado, interior do Estado do Paraná.

Mallet, o governo brasileiro disponibilizou algumas carroças, porém o número de pessoas era muito além do que as carroças podiam transportar. Desse modo, os adultos e as crianças maiores iam a pé, e os demais (crianças pequenas, idosos e mulheres grávidas) iam sobre as carroças.

Depois de muitos dias caminhando pela Serra da Esperança (aproximadamente 45 km de distância entre Mallet e Cruz Machado), eles finalmente encontraram o lugar que tinha sido destinado a eles. Havia ali pequenas casas medindo 3m x 4m, cujo teto eles teriam de dividir com outra família. Essas casas, chamadas “*butkas*”, eram de chão batido e não havia camas para eles. Por falta de higiene e vivendo em condições precárias, fala-se que muitos imigrantes foram acometidos pela febre tifoide. Embora também haja controvérsias em relação a esse fato, uma das fundadoras<sup>3</sup> da Associação Cultural Polska Brasileira<sup>4</sup>, em União da Vitória, em conversa informal, contou que, há quatro anos (2010), esteve na Polônia e que a história que os próprios poloneses contam é que houve uma epidemia da gripe espanhola. Entretanto, o que se sabe é que, independentemente do tipo de enfermidade que tenha acometido os imigrantes poloneses, famílias inteiras foram dizimadas. O documentário descreve que foram aproximadamente 800 pessoas que morreram naquela época.

### 3. Sobre identidade(s) e letramento litúrgico

Nossa identidade não nos é dada, nós a construímos ao longo de nossa vida, nas diferentes interações e práticas sociais. Não é, pois, um fenômeno individual, mas social. Identidade é o que nos faz ser reconhecidos como um certo tipo de pessoa, num determinado contexto, e esse tipo de pessoa pode mudar de um momento para outro, dependendo do interlocutor, do contexto, da época e, por essa razão, pode ser ambígua, instável, contraditória, e está em constante fluxo.

Nós construímos nossa identidade sempre em relação aos outros, a partir do que nos distinguimos dos demais. Na opinião de Silva (2013, p. 75-76), “a identidade depende da diferença, a diferença depende da identidade. Identidade e diferença são, pois, inseparáveis”. O autor ainda acrescenta que, além de serem interdependentes, identidade e diferença são “atos da criação linguística”, ou seja, não são elementos da natureza, não são essências, não são coisas que estejam por aí à espera de serem reveladas ou descobertas, respeitadas ou

---

<sup>3</sup> A conversa informal e os seus resultados estão registrados em diário de campo (dia 24 de outubro de 2013).

<sup>4</sup> A Associação Cultural Polska-Braziliiana Karol Wojtyła foi fundada no dia 03 de maio de 2010.

toleradas. Segundo o autor, a identidade e a diferença são fabricadas por nós, no contexto de relações culturais e sociais. Portanto, é na e pela linguagem que nos constituímos. Entretanto, dentro dessas relações, a identidade e a diferença têm conexão com as relações de poder, isto é, “o poder de definir a identidade e de marcar a diferença não pode ser separado das relações mais amplas de poder.” Desse modo, “a identidade e a diferença não são, nunca, inocentes”. (SILVA, 2013, p.81).

De acordo com Hall (2013, p. 109-110),

É precisamente porque as identidades são construídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas. Além disso, elas emergem no interior do jogo de modalidades específicas de poder e são, assim, mais o produto da marcação da diferença e da exclusão do que o signo de uma unidade idêntica, naturalmente constituída, de uma “identidade” em seu significado tradicional – isto é, uma mesmidade que tudo inclui, uma identidade sem costuras, inteiriça, sem diferenciação interna.

Para Gee (2000, p. 99), “cada pessoa é membro de muitos discursos e cada discurso representa uma de nossas múltiplas identidades”, daí a razão pela qual nossas identidades serem, além de múltiplas, também contraditórias. O caráter multifacetado da identidade faz com que, dependendo da situação e do interlocutor, uma identidade possa ser suprimida e outra, realçada. Ao analisarmos, mais adiante, a fala de Pe. José, o participante da pesquisa, poderemos ver como ele oscila entre a identidade de polonês e de brasileiro, de padre e de universitário, de homem rural e de homem urbano.

Ao teorizar sobre identidade, GEE (2000) entende que ela pode ser concebida sob quatro perspectivas: N (natural), que teria origem biológica (por exemplo, nascer branco ou negro é genético, biológico); I (institucional), que nos seria dada por instituições (por exemplo, nós, autoras, somos professoras e pesquisadoras, o que é ratificado pelas instituições a que pertencemos); D (discursiva), que seria construída e ratificada no discurso (nós interagimos, nos relacionamos e nos representamos no discurso; assim, nossa identidade de esforçadas não construiremos sozinhas, essa característica precisa ser reforçada por outro): A (por afinidade), que está ligada àquilo que nos dá prazer (por exemplo, o fato de ambas sermos avós faz com que além dos assuntos acadêmicos relacionados à nossa pesquisa o assunto ‘netos’ faz com que partilhemos de um mesmo traço identitário). As quatro perspectivas, entretanto, estão interligadas e não são concebidas de forma isolada. Como diz o autor, nossas características individuais não podem ser desconsideradas, uma vez que ajudam

a constituir nossa identidade. Ela também pode ser construída a partir do papel que ocupamos na sociedade e da forma como os outros nos reconhecem. Além disso, o papel do discurso não pode ser esquecido, como também os grupos a que pertencemos por afinidade. Todas essas facetas ajudam a construir o que somos, a nossa identidade.

Do mesmo modo que a língua identifica, indica pertencimento, “objetos podem identificar indivíduos, grupos sociais e culturas” (COELHO, 2002). No caso dos poloneses, a constituição da identidade, fortemente ligada à religiosidade, também está marcada pela presença e preservação de símbolos e ritos, como destacamos a seguir.

Apesar de todas as situações difíceis que enfrentaram aqui no Brasil, ressalta-se que não foram somente os sofrimentos que marcaram a história dos poloneses no Paraná. O documentário antes mencionado mostra também aspectos culturais, como por exemplo, a tradição do casamento polonês, o qual é cheio de simbolismos, bênçãos, religiosidade e festa. Antes da celebração religiosa, há a cerimônia de despedida dos noivos e o pedido de bênçãos aos seus pais. Assim, era comum que os noivos saíssem juntos da casa da noiva e recebessem a bênção da mãe da noiva com a água benta aspergida sobre eles em sinal de proteção. Depois disso, a cerimônia de casamento era celebrada na capela da comunidade. Em seguida, os noivos se dirigiam à casa da noiva. A recepção dos noivos era feita pelos pais da noiva que ofereciam a eles *cuca* (espécie de pão doce) e vinho, como sinal de prosperidade e fartura.

Para esclarecer sobre os símbolos, Durkheim (1954, apud Woodward, 2013, p. 41) utiliza a religião como modelo e explica como os processos simbólicos funcionam, ou seja, como as relações sociais são produzidas e reproduzidas por meio de rituais e símbolos, os quais classificam as coisas em dois grupos: as sagradas e as profanas. Porém, não há nada inerentemente ou essencialmente “sagrado” nas coisas. Assim, a autora (2013, p. 9-10) pertinentemente ressalta que a “identidade é marcada por meio de símbolos” e acrescenta ainda: “existe uma associação entre a identidade da pessoa e as coisas que uma pessoa usa”. Esses símbolos utilizados pelos poloneses têm o objetivo de construir a sua identidade perante os demais, distinguindo-os.

Como dissemos antes, a religiosidade foi um dos aspectos que, historicamente, ajudou a manter e constituir a identidade polonesa. Esse aspecto também assume papel importante na vida dos poloneses e de seus descendentes, aqui no Brasil, ou seja, a tradição religiosa e os inúmeros simbolismos ajudam a manter vivas a língua e a cultura. Um exemplo disso, que perdura até hoje em muitas famílias polonesas, é a Vigília de Natal, com a partilha

do Pão Ázimo, chamado *Oplatek*<sup>5</sup>. Já na Páscoa, uma das práticas religiosas é a bênção dos alimentos realizada sábado à tarde, ou seja, antes de preparar a ceia, um dos membros da família leva à igreja todos os ingredientes que serão utilizados na elaboração dos pratos a serem servidos na Ceia Pascal. Há também a confecção de *pisanki*<sup>6</sup>. Infelizmente, esta arte está sendo deixada de lado pelos poloneses.

Além disso, levando-se em consideração os aspectos religiosos, um dos costumes que se preserva é a reza do terço, principalmente nas comunidades rurais. Muitas famílias polonesas rezam o terço diariamente, em polonês. Assim, é muito comum encontrar nas casas polonesas uma sala com um altar repleto de imagens de santos. Geralmente, o terço é rezado à noite quando todos da família se encontram em casa. No que se refere às práticas religiosas, observa-se que, nas igrejas, onde as missas são rezadas em polonês, é comum encontrar um altar central e um altar lateral<sup>7</sup>. No altar lateral, há a imagem de Nossa Senhora de Czestochowa, conhecida aqui no Brasil como Nossa Senhora de Monte Claro. Nesse altar, os fieis colocam papeis com pedidos, placas de agradecimento pelas bênçãos recebidas, escritas quase sempre em polonês.

Buchmann (1995) aborda a questão da religiosidade, descrevendo uma entrevista feita com quatro jovens, netas de imigrantes poloneses, plantadores de fumo da antiga Colônia Lucena de Santa Catarina, que chegaram à procura de trabalho como empregada doméstica. Uma delas afirma que a religião

É a coisa mais importante na vida da gente. Quem não tem fé não tem nada. Aprendi a rezar e a ter fé desde pequena. Minha avó também é muito religiosa, minha mãe também, meu pai nem tanto. O povo polonês tem fé. Às vezes se a coisa vai mal, se a gente tem fé a coisa se ajusta. Lá em casa se reza o terço sempre, toda quarta-feira. Minha avó contou que se não fosse a ajuda de Deus, o povo polonês teria sofrido muito mais. Meu avô era um

---

<sup>5</sup> *Oplatek* é feito de uma massa finíssima, onde são gravadas as imagens do Menino Jesus, Maria e José. É o mesmo pão ázimo com que são feitas as hóstias. Como Curitiba tem a maior colônia de poloneses, o *oplatek* (conhecido também como "pão-dos-anjos") é feito pelas freiras da Congregação das Irmãs da Sagrada Família e vendido na época do Natal.

<sup>6</sup> *Pisanki* – arte popular polonesa, tradicional das regiões da Cracóvia, Silésia e Rzeszow. São trabalhos manuais feitos em ovos de galinha (também pode ser feito em ovos de gansa, pata, codorna ou avestruz) com pequenos recortes de palha de trigo colados nos ovos. Inicialmente, esses ovos são perfurados para extrair todo o conteúdo (clara e gema). São feitas lindíssimas montagens, em desenhos simbólicos que representam uma transmissão escrita, como era na antiguidade. A colagem com palha de trigo representa o pão de cada dia.

<sup>7</sup> Na Igreja Santo Estanislau, em Curitiba há dois altares, um central e outro lateral. Entretanto, nem os fieis e nem as religiosas souberam dizer o porquê desses dois altares e o que eles significam. Essa igreja foi visitada no dia 25/12/2013, missa de Natal, às 9 horas da manhã, folheto litúrgico em polonês chamado *Dzień Pański* (em português – Dia do Senhor), elaborado pela própria Arquidiocese de Curitiba. (anotações feitas no diário de campo).

homem bom, até ajudou a construir a igreja, por isso Deus sempre esteve do lado dele (BUCHMANN, 1995, p. 45).

Outra prática é a missa aos domingos e nos dias santos. Nesses dias, costuma-se ir meia hora antes à igreja para rezar o terço, também em polonês. Entretanto, Jung e Semechechem (2009, p.14) explicam que a participação na igreja (católica ou de rito ucraniano) “contribui para a disseminação de alguns valores que transcendem o modo de participar ‘corretamente’ nos eventos e nas práticas regulares de letramento<sup>8</sup> naquele contexto”, e acrescentam que, “para ser um membro efetivo da comunidade, é preciso não só agir adequadamente no grupo, mas vestir-se ‘respeitosamente’”. Desse modo, a questão do “vestir-se”, principalmente para as mulheres descendentes de poloneses, possui uma forte conotação como veremos mais adiante. Mais uma vez, objetos e símbolos ajudam a construir a identidade.

Entre os poloneses no Paraná, o letramento litúrgico, decorrente da religiosidade, como temos mostrado ao longo das últimas seções, exerce forte influência na constituição da(s) identidade(s) desse grupo étnico. Rosowsky (2008) define letramento litúrgico como o uso da leitura (e mais raramente da escrita) necessária para rituais e outras práticas devocionais relacionadas a determinada religião, geralmente uma "religião do livro", tal como o judaísmo, cristianismo ou islamismo (KERSCH; DA SILVA, 2012). No caso dos descendentes de poloneses, as rezas, o terço, as missas, eventos de letramento litúrgico, unem os falantes em atividades comuns e ajudam a manter a língua viva, mesmo na área urbana. Parece-nos que, assim como para os muçulmanos no Reino Unido estudados por Rosowski, para os descendentes de poloneses no Paraná, a identidade religiosa da comunidade é parcialmente determinada pela língua litúrgica. O letramento litúrgico é, pois, um dos elementos de unificação da comunidade.

Como mostrou Rosowski (2008, p. 219), ao estudar letramento litúrgico de muçulmanos residentes no Reino Unido, a formação de uma identidade religiosa pode ser muito mais importante para os indivíduos do que o desenvolvimento do sentimento de uma etnia ou nacionalidade comum. Isso nos leva a pensar no papel do letramento litúrgico dentro da comunidade como um fator de identidade.

Em suma, nós nos reconhecemos e reconhecemos o outro a partir de diferentes

---

<sup>8</sup> Aqui o termo letramento se refere ao modelo ideológico de Street (1984). Segundo esse modelo, as práticas de letramento (no plural) seriam social e culturalmente determinadas. Assim, as práticas de letramento são aspectos da cultura e das estruturas de poder.

perspectivas: o momento, o lugar e o interlocutor determinam a forma de agir, de falar (o que inclui a língua que elegemos), de se vestir, de se posicionar; tudo isso interligado ajuda a construir a nossa imagem e a do outro, a(s) identidade(s).

#### 4. Metodologia

Para verificar o que foi abordado anteriormente, realizamos uma entrevista semiestruturada com um padre, de 32 anos, descendente de poloneses. Inicialmente, conversamos um pouco sobre sua infância. Ele é o filho mais velho de uma família de três filhos; possui uma irmã e um irmão. Nasceu em 1982 e, segundo ele, foi alfabetizado<sup>9</sup> em língua polonesa. Em casa, todos falavam polonês. Seu pai nasceu em uma comunidade chamada Linha dos Couros e estudou até a 2ª série; a mãe nasceu em Lajeado Liso e cursou até a 4ª série do antigo primário. A mãe é dona de casa, e o pai é pequeno agricultor que planta feijão e milho. Padre José diz que hoje a agricultura está um pouco mais desenvolvida com maquinários; antes todo o trabalho era feito por tração animal.

Ao longo da entrevista, foram abordados alguns tópicos, tais como, dados pessoais do padre José<sup>10</sup> e da sua família; a sua infância a partir do momento em que ele entrou na escola; o seu nível de escolaridade atual, quantas línguas ele conhece e quais domina, a(s) língua(s) que ele considera mais importante(s) e qual (is) ele gostaria de aperfeiçoar. A importância da língua polonesa e a sua utilidade; se língua polonesa deveria ser ensinada nas escolas e por quê, foi a outra temática. Também conversamos se, quando utiliza a língua polonesa ou a língua portuguesa, há interferências de uma e outra e como ele lida com isso. Procuramos saber que tipo de leitura ele faz em polonês e onde consegue tais materiais. Em relação à sua atuação como padre, falamos sobre as missas que reza, se, na comunidade onde vive, ele reza missa em polonês, com que frequência, qual a faixa etária das pessoas que frequentam essas missas. Como ele se relaciona com muitas pessoas da comunidade, perguntamos se as que frequentam suas missas sentem orgulho ou vergonha de falar polonês e quem são essas pessoas, tentando identificar o perfil das que ainda falam polonês. Procuramos, ainda, reconhecer a vitalidade do polonês na comunidade.

---

<sup>9</sup> Na entrevista, quando Padre José diz que foi “alfabetizado” em língua polonesa, ele está se referindo somente à oralidade. Aqui, ele usa o termo “alfabetizado” de forma equivocada, pois em uma de suas falas ele explica que não sabe escrever em polonês e que adquiriu a habilidade de leitura quando estudou no Seminário.

<sup>10</sup> Por questões éticas, para preservar a identidade do participante da pesquisa, aqui ele será chamado ficticiamente de Padre José. Essa entrevista foi feita no dia 12 de fevereiro de 2014, na Casa de Retiro Irmã Josaphata Hordachevska, em Ponta Grossa – Paraná. A conversa com ele durou aproximadamente 1h10 minutos.

Padre José é bastante introvertido e tímido. Fala devagar e pausadamente porque monitora constantemente a sua própria fala, isto é, fica tenso e tem vergonha de falar algo “errado” ou em polonês, que transpareça a sua identidade étnica. Ele diz que esse monitoramento lhe causa desgaste, tanto físico quanto mental. Isso ocorre desde que foi estudar no Seminário, pois o bispo chamava-lhe a atenção sempre que ele pronunciava algo em português com sotaque polonês.

## 5. Resultados e discussão

Uma das características sobre “ser polonês” ou ser um polono-brasileiro está relacionada ao modo como o descendente pensa a respeito de si mesmo e a forma como ele se percebe no mundo (e, conseqüentemente, como percebe os outros, uma vez que é nos discursos que a(s) identidade(s) é/são construída(s). Para construir essa identidade, diferentes perspectivas (GEE, 2000) se entrelaçam: Pe. José nasceu em uma família em que se falava polonês no lar. Mas essa identidade também é construída discursivamente, porque há marcas no modo de falar que o ‘denunciam’. Nesse sentido, muitas vezes, há um apagamento da sua identidade étnica, já que a língua dominante, no caso a língua portuguesa falada no Brasil, é vista como sendo a mais correta e melhor, mesmo naquelas comunidades onde minorias linguísticas são o grupo mais numeroso, como aquela em que Pe. José cresceu.

Uma das características mais marcantes na identidade linguística do descendente de polonês é o *Tepe*<sup>11</sup>, ou seja, a utilização da vibrante simples /r/ no lugar da vibrante alveolar /R/, pois no lugar de dizer “carro”, “carroça”, a pronúncia é [k a r o] [k a r o s a]. Essa marca na fala do descendente de polonês faz com que se sinta envergonhado e tente apagá-la, já que isso é motivo de escárnio por parte daqueles que não fazem parte dessa etnia. Ou seja, o falante tenta apagar a afinidade que teria com os outros falantes nativos de polonês brasileiro e tenta se aproximar de outro grupo de referência, aqueles que falam o português ‘correto’, provavelmente aqueles que são urbanos e que são mais escolarizados.

Apresentar fala marcada, que identifica o falante como descendente de polonês, pode levar ao preconceito e à exclusão, principalmente no domínio escolar. No caso de José, ele relata que era alvo de constante preconceito enquanto estudante de seminário, onde o bispo

---

<sup>11</sup> Os símbolos /r/ e /R/ são empregados para representar, de modo geral, os sons de ‘r-fraco’ e ‘forte’, respectivamente. (FRONZA, C. A.; STEIN, M. **A produção de /r/ em contexto bilíngue (português/alemão): um estudo de caso.** Alfa, São Paulo, 52 (2): 483-501, 2008.

chamava-lhe a atenção quando pronunciava o referido fonema com o sotaque polonês. Provavelmente um padre de área urbana, líder de uma congregação de prestígio, deveria possuir uma variedade culta de português. Sua identidade I (GEE, 2000) não pode ser construída a partir do polonês, e sim, a partir do português. É o domínio dessa língua que lhe dá poder.

Pe. José relata também que, quando entrou na escola, aos sete anos, a sua professora era bilíngue (português/polonês). Ela dava aulas em português para a turma, mas com ele, em particular, só falava em polonês:

A professora falava em português, né mas com **a gente**, em particular... **comigo**... ela falava em polonês... dentre os estudantes lá... tinha vários também... outros que sabiam falar português... já... já sabiam... mas... eu era... acho o único... eu acho que era o único que não tinha o domínio do português... eu era muito fechado, né... tímido... tinha muita dificuldade, né... pra conversar... pra fazer amizades... “ficava sempre na minha” ... ficava sempre isolado, num canto... olha...era bem... bem difícil... (Padre José – 12/02/2014).

Na sala de aula, havia crianças de outras etnias, e também descendentes de poloneses (a gente), mas que já dominavam parcialmente a língua portuguesa, sendo o Padre José o único que não tinha esse domínio. Nesse momento da entrevista, foi possível perceber que ficou bastante envergonhado de expor essa situação vivida na infância, conforme registrado em diário de campo (o que também pode ser notado quando de ‘a gente’ ele passa a ‘comigo’). Provavelmente as dificuldades com o português silenciaram Pe. José (como tantos outros grupos minoritários se calam). Mesmo sua identidade A (de afinidade) que partilhava com outras crianças cuja língua materna também foi o polonês acabou não sendo fortalecida, porque os demais, de acordo com sua fala, já se aproximavam ao ‘grupo de prestígio’, aqueles que falavam a língua da escola, e ele ficava isolado, solitário, fechado, tímido (característica de sua identidade D que ainda se mantém, e que é ratificada pela entrevistadora).

Entretanto, ainda que os primeiros anos de escola tenham sido difíceis, um fato que marcou bastante a vida de José e de seus familiares foi a entrada de sua irmã na escola. Por ser mais extrovertida, ela conseguia interagir com as colegas da sala que sabiam falar português. Assim, a experiência da sua irmã no contexto escolar foi muito proveitosa para José, que, a partir daí, começou a se comunicar em língua portuguesa, principalmente na escola, onde se sentia isolado. Além disso, ela conseguiu também introduzir a língua portuguesa em casa, ensinando seus pais a interagirem na nova língua.

Mas... até quando foi a minha irmã junto, né... pra a escola... quando entrou na

escola, minha irmã...ela se entrosou diferente, de uma maneira diferente... mais chegada com as amigas... ... daí ela levou a língua portuguesa pra casa. Nós ficava brincando de falar em português com ela... porque nós achava que era tão moderno... bonito (risos). (Padre José – 12/02/2014).

Ainda que José tenha tido uma vida escolar solitária até o ingresso da irmã na escola, de alguma forma ele interagiu ('ela se entrosou **diferente**', ou seja, ele também se entrosava, mas provavelmente em sua língua materna). É por meio da irmã que ele e a família são levados a aprender português. A língua dos outros passa a ser a língua para brincar. Para a família (e para José), o português representava a beleza, a modernidade (o polonês, provavelmente representava atraso, talvez não tendo a mesma beleza que identificavam no português).

Apesar de todas as dificuldades na escola, principalmente por causa da falta de domínio da língua portuguesa, Padre José conseguiu superá-las. Tem ensino superior completo, isto é, graduou-se em Filosofia e Teologia. Atualmente, faz o curso de Letras/Espanhol, em União da Vitória – Paraná. Infelizmente, seus pais não tiveram a mesma oportunidade.

Ainda com relação aos estudos no seminário, Padre José diz que sabe alguns idiomas, ou seja, polonês (língua materna), português, espanhol, latim, grego, italiano e inglês. Sabe ler em espanhol, italiano e grego. Domina a escrita das línguas latinas. Não escreve em polonês, mas lê e reza missa nessa língua, pois aprendeu a habilidade da leitura no Seminário. Aqui é importante ressaltar que a missa em polonês é rezada uma vez por mês, na primeira sexta-feira para o Movimento do Apostolado da Oração. As leituras são retiradas do lecionário polonês, e o rito da missa é do Missal Romano, os quais estão todos em língua polonesa.

Conta que, sempre que faz o sinal da cruz para iniciar uma oração, automaticamente ele o faz em polonês. Aliás, todas as orações pessoais ele faz nessa língua. Note-se aqui o letramento litúrgico sendo responsável pela manutenção da língua (o polonês). À semelhança do que foi identificado por Rosowski (2008): a língua – predominantemente na sua modalidade oral – é usada na esfera religiosa. Pe José não escreve em polonês porque não necessariamente precisa: para seu ofício, basta saber ler e falar, porque ele recebe o material pronto (lecionário polonês e Missal Romano).

Quando perguntado sobre a língua na qual sonha, Padre José ficou pensativo. Porém, depois de alguns minutos disse que, mesmo nos sonhos, ele fala com as pessoas em polonês. Ou seja, a língua se faz presente nos mais variados domínios de sua vida.

Apesar de toda essa influência do polonês na vida de José, contraditoriamente, como é característico da constituição identitária, a língua que ele mais gosta é o espanhol. Disse que é uma língua muito bonita e que ficou encantado quando foi a Buenos Aires, no ano passado (2013). Isso mostra como as identidades são marcadas pelas atitudes. Mas, dentre todas as línguas que ele conhece, ele afirma que a que gostaria de saber melhor e aperfeiçoá-la é o inglês, pois em sua opinião é uma língua importante, aliás, muito mais importante que o polonês, que é uma língua falada por poucos, se comparada ao inglês. Assim, em sua opinião, é muito difícil convencer uma criança ou um jovem a aprender a língua polonesa porque, nas escolas, as línguas mais importantes são o inglês e o espanhol. Para o Padre José, “o inglês é mais chique, mais moderno, já o polonês não serve para muita coisa”.

O polonês **não tem muita utilidade**... agora a gente trabalhando lá no **interior**... com as... na função... no **ofício da gente**, né... na profissão... **a gente**... é... penso assim que... apoio as crianças a... a manter a cultura, mas... a **língua é difí**..., né... é complicado dizê... olha... estudem polonês... se bem que na escola... o colégio dá preferência ao inglês e ao espanhol, né... e o mundo aí, né... **internacional**... as coisas... as **músicas** internacionais... acho que o inglês é **melhor**, né... é mais **chique**, né... mais **moderno**, né...(Padre José – 12/02/2014).

Pe. José marca sua fala com a visão utilitária de uma língua. Aparentemente, ele tem a representação de que o polonês só serve para quem vive no interior, talvez para quem tem ofícios de menor prestígio (ofício da gente). A contraditoriedade das identidades também se manifesta: em sua opinião, é importante manter a cultura, ensinar a língua às crianças; por outro lado, é difícil, e sem utilidade. Na sua concepção, não é uma língua para o mundo globalizado, cujo espaço é do inglês e do espanhol (nas músicas, por exemplo). Novamente, os adjetivos que agregam valor (melhor, chique, moderno) são associados a outras línguas, que não o polonês.

Outra língua que ele considera importante é a própria língua portuguesa, como ele manifestou em outro momento da sua fala, pois é ela que é usada para a sua comunicação diariamente. Ele explicou que fala devagar porque tem de pensar naquilo que ele vai dizer, senão ele acaba falando em polonês ou até mesmo misturando as duas línguas, ou seja, o polonês e o português. Faz isso constantemente, tanto é que no fim do dia está exausto porque precisa ficar vigilante para não expor os traços do polonês na sua fala. Essa vigilância ele faz desde que era seminarista, já que por inúmeras vezes foi repreendido pelo bispo, como mencionamos anteriormente. Desse modo, ele explica que se esforça

para **não falar** em polonês... fico **exageradamente** alerta **sempre** que falo...

Aliás, eu **me esforço muito... me esforço muito** e canso **muito...** não é trauma, mas fico **muito tenso**. No Seminário, o bispo dizia que eu tinha um sotaque muito forte de polonês. Ele dizia: “você escreve em português, mas pensa em polonês”... então no falar, na leitura... na fala... **o pessoal** diz que eu tenho um sotaque muito forte... **o esforço** foi sempre com o /r/ forte... parece que sempre **estou forçando** a barra para tentar **falar corretamente**. (Padre José – 12/02/2014).

A fala de Pe. José está repleta de marcas que indicam o esforço que precisa dispender para interagir em português, inclusive como precisa reprimir o polonês dentro de si. Em português, sua fala nunca é livre, sempre é monitorada. Ainda que, por afinidade, tenha uma identidade étnica ligada ao polonês e considere importante a manutenção dessa língua e toda a cultura associada a ela, discursivamente assume a identidade ligada ao português e se esforça para ‘falar corretamente’.

Esse episódio de preconceito linguístico ocorrido com o Padre José pode ser comparado à pesquisa que Fritzen (2008) desenvolveu em Blumenau, com professoras que falam português com as marcas do alemão. A autora destaca que elas eram vítimas de preconceito por parte das professoras falantes de português que não falavam alemão. Essas professoras menosprezavam o português do grupo falante de alemão, desvalorizando as línguas dos descendentes de imigrantes. Assim, “ao mesmo tempo em que essas professoras (e a sociedade maior) desvalorizam as línguas (o alemão local e o português do grupo) dos descendentes de imigrantes, sentem-se em posição superior com relação a sua língua e a sua cultura”. A autora ainda acrescenta que “o bilinguismo, em vez de ser valorizado é, ao contrário, motivo de desprestígio e, por vezes, motivo de escárnio”. (FRITZEN, 2008, 89). Mas, não é somente o preconceito que predomina nessa relação. Para Buchmann (1995, p.29), quando nos referimos à identidade polonesa, devemos levar em consideração a relação entre dominador e dominado.

O processo de dominação de um povo sobre o outro, além da dominação concreta – a política e a econômica – destrói também seu mundo simbólico, cujos significados são imprescindíveis para que os indivíduos, ao identificarem-se *positivamente* com o real, adquiram, sem grandes dificuldades, a consciência histórica do seu próprio futuro, ações que o construam e comportamentos que o solidifiquem. Destruir seu mundo simbólico significa quase sempre a destruição de suas instituições e/ou esmagamento da língua materna, o que quer dizer, o aniquilamento profundo da sua identidade cultural.

Quando foi questionado se acompanha, através de jornais ou revistas na internet, os acontecimentos na Polônia, ele disse que infelizmente não acompanha. Sabe de algumas

notícias de lá (notícias da Polônia) quando essas são mencionadas na mídia brasileira, mas isso tudo em português. E o que mais chama a sua atenção é quando há alguma notícia relacionada às questões de canonização do beato João Paulo II. Contudo, lê em polonês a Bíblia, os lecionários<sup>12</sup> e tudo o que se refere à religião. Também comentou que, na comunidade rural onde vivem seus pais, a missa era rezada todos os dias em polonês, mas agora já faz mais de dois anos que os padres da Congregação Sociedade de Cristo que pastoreavam a comunidade se mudaram da mesma. Entretanto, após atuar por 49 anos nessa comunidade, os padres, já com idade avançada e sem condições físicas para o trabalho, procuraram se estabelecer em cidades maiores, com melhores recursos médicos. Atualmente, é o Padre José quem reza a missa em polonês para essa comunidade, na primeira sexta-feira do mês, para o Movimento do Apostolado da Oração, como se disse acima. As leituras são tiradas do lecionário polonês, e o rito da missa é retirado do Missal Romano escrito em língua polonesa.

Pe. José relata que as pessoas que mais frequentam a missa em polonês são os idosos, mas que há alguns jovens que ocasionalmente aparecem por lá. Ele contou que alguns fiéis vão à missa meia hora antes para o ensaio de cantos, outros para rezar o terço. Ao que tudo indica, o letramento litúrgico é responsável por dar vida ao polonês padrão, inclusive para que os mais jovens (ainda que poucos) percebam valor para o polonês, mesmo que em número reduzido de esferas.

A identidade de Padre José está em constante fluxo. Considera o polonês importante, porque está ligado à sua cultura, mas, ao falar do grupo que deveria constituir sua identidade A, ele se afasta desse grupo. Em seu discurso o ‘a gente’ dá lugar a ‘eles’. Para ele, ainda que os poloneses se considerem ou sejam considerados um povo religioso, muitas ações no dia a dia não condizem com aquilo que a Igreja prega. Um dos maiores problemas na família dos poloneses, segundo ele, é a questão do alcoolismo. Padre José acredita que *os poloneses* têm muita raiva, rancor... Acredita também que seja algo histórico, talvez pelas guerras, pelo comunismo na Polônia. Além disso, segundo ele, há muitos poloneses que frequentam a igreja porque acreditam que, se não forem à missa, vão ser condenados ao inferno. Nesse aspecto, Padre José ressalta que,

**eles** pensam que a igreja é... que se não for à igreja... **eles** pensam que vão para o inferno...**eles** não entendem que a prática de vícios, dos desleixos causam

---

<sup>12</sup> Na Igreja Católica, o Lecionário é o livro usado na missa, mais precisamente na Liturgia da Palavra. Contém a 1ª leitura, salmo, 2ª leitura e evangelho.

sofrimentos, lutas internas... **Os poloneses** têm uma tendência ao álcool, às drogas e até mesmo suicídios... briga por herança, por terrenos... Outra questão que é totalmente contrária ao que a Igreja Católica ensina é o apego... em muitos velórios, **há muitas brigas** por causa de herança... o morto ainda está quente e **eles** estão brigando por herança... **os poloneses** são muito apegados às coisas materiais. (Padre José – 12/02/2014).

Neste trecho da fala do Padre José, fica evidente como ele próprio se exclui quando trata os descendentes de poloneses por “eles”. Isso ocorre inúmeras vezes, sendo nesse aspecto bastante contraditório com a sua identidade étnica. Também se nota certa superioridade com relação aos demais como se ele (Padre José) fosse um descendente de polonês diferente dos outros. Aqui ele negocia uma identidade que o distingue daquele grupo, segundo ele, tão cheio de defeitos. Talvez também sua identidade I esteja sendo realçada: é o padre falando, avaliando suas ovelhas. Um padre, de quem se espera uma conduta ilibada, não faz parte do grupo de pecadores (eles/os poloneses).

Outro aspecto que deve ser ressaltado é quando menciona a palavra “apego”. Nesse caso, a expressão está relacionada ao modo como eles se “apossam das coisas materiais”. Porém, imediatamente ele utiliza a mesma palavra para se referir a Nossa Senhora, mãe de Jesus Cristo. Aqui, o termo ganha novo significado, ou seja, “afeição”, ao afirmar que os descendentes de poloneses têm muito apego a Nossa Senhora. Padre José fica indignado porque,

**Eles** não entendem que Jesus Cristo é mais importante que a sua própria mãe (referindo-se à Nossa Senhora), pois foi ele que morreu para salvar a humanidade... Assim, **os lenços que as mães usam** na cabeça representam a santidade... a mãe polonesa é autoridade em casa... Os filhos escutam muito a mãe e assim, no lado espiritual também. O lenço é um sinal de santidade da mulher, a mãe dentro da família é muito mais que o pai. **As mães polonesas anulam a figura dos pais...** é ela que comanda a casa, cuida dos filhos, educa, cuida, cozinha, enfim... comanda a vida de todos da casa. (Padre José – 12/02/2014).

Giddens (2002 apud Jung e Semechechem, 2009, p. 30) salienta que “[...]a roupa é um meio de auto-exibição, mas também se relaciona diretamente à ocultação/revelação a respeito das biografias pessoais – liga as convenções a aspectos básicos de identidade”. Assim, a identidade da mãe dentro das famílias de descendentes de poloneses, nessa comunidade rural, com o lenço amarrado na cabeça, é vista como sinal de “santidade”, pois todas as mulheres/mães são consideradas “santas” dentro da família polonesa. Essa condição de “santidade” lhes é dada pelos membros da família. Deste modo, como autoridade, ela comanda a casa e a vida dos filhos, anulando a figura do pai. Além disso, o lenço pode ser

entendido também como um símbolo que pessoas desse grupo social, dessa cultura têm para expressar a santidade (COELHO, 2002).

A vitalidade de uma língua pode ser percebida na quantidade de domínios/esferas em que ela é usada para desempenhar práticas sociais. Já mencionamos como ele ainda tem força na esfera religiosa, em que missas são rezadas nessa língua. Além desse domínio, Padre José considera que é utilizada em lugares públicos, tais como ônibus, ruas, lugares públicos. Assim, é comum que os descendentes de poloneses, quando encontram alguém “diferente”, isto é, que não faz parte da referida comunidade (que não compartilhe da mesma identidade A), comecem a falar mal dessa pessoa, pois eles sabem que ela não entende o que eles estão falando. Por exemplo: se uma moça negra passa na rua, algumas pessoas começam a falar em polonês que é uma negrinha (identidades N e A), que não sabe cozinhar, que é relaxada. Há um preconceito, segundo José, muito grande por parte deles quanto às pessoas negras. Padre José nos diz que “*os poloneses são muito racistas*”. (Padre José – 12/02/2014).

As falas de Pe. José, a que se deu destaque ao longo do texto, mostram como a constituição identitária é contraditória, e como as diferentes perspectivas de se ver a(s) identidade(s) previstas por Gee (2000) se interligam e se entrelaçam. Nenhum de nós único, somos o resultado dos discursos em que atuamos, dos diferentes papéis sociais que somos convidados a desempenhar, o que nos faculta a possibilidade de pertencer (ou não) a determinados grupos.

## 6. Considerações finais

São várias as perspectivas sob as quais nos representamos e constituímos nossa identidade, que sempre é social, porque, na maioria das vezes, é negociada socialmente. Neste estudo, na voz de um jovem padre, filho de descendentes de imigrantes poloneses do interior do Paraná, refletimos sobre a forma como ele constitui sua identidade, ora se mostrando pertencente a esse grupo, ora se excluindo dele. Assim, esse apagamento da sua identidade étnica gera muitas contradições, pois ao mesmo tempo em que acredita que a língua polonesa é importante, como forma de preservar a cultura, dá prioridade às línguas de maior prestígio (inglês e espanhol). Esse apagamento também acontece quando monitora exageradamente a sua fala ao entrar em contato com falantes de português, não deixando que transpareçam marcas características da sua língua materna.

Outra forma de apagamento é a utilização do termo *eles* para os descendentes de

poloneses. É como se Padre José não fizesse parte dessa etnia ou se sentisse superior aos seus. Isso acontece principalmente quando menciona aspectos negativos, como, por exemplo, o alcoolismo, o apego às coisas materiais e os preconceitos com pessoas negras.

É interessante observar, na fala de Pe. José, como as diversas identidades estão interligadas, e como, por vezes, uma é realçada enquanto outras são suprimidas: quando a identidade I (de padre) é realçada, a identidade A (de descendente de poloneses) é sufocada: **eles** são preconceituosos. Do mesmo modo, a identidade A é mais reforçada quando fala da infância, quando ele compartilhava um traço com os colegas da mesma etnia: a falta de domínio do português.

Ao que tudo indica, um importante fator para manutenção do polonês são os eventos de letramento litúrgico - rezas, terço, missa. Esses eventos estão ligados diretamente aos valores que, tradicionalmente, constituem esse grupo étnico, como, por exemplo, a religiosidade. Entretanto, em sua opinião, isso entra em choque com algumas atitudes que observa entre os *poloneses*, tais como o apego ao dinheiro, a briga pela herança, a bebida. Ao fazer esses julgamentos, José assume sua identidade de padre (I) e se afasta da identidade étnica (A).

A história de luta e sofrimento que caracterizou os poloneses em sua terra natal acabou, de certa forma, continuando aqui no Brasil, onde as promessas que os atraíram não se confirmaram. Longe de sua terra, uma forma de se manterem próximos às suas origens é manter costumes, ritos e símbolos que, historicamente, os identificavam como povo. A religiosidade e, conseqüentemente, os eventos letramento litúrgico, tem exercido papel importante na manutenção da língua.

É fundamental que sejam realizados mais estudos sobre essa etnia, de modo que as diferentes línguas faladas no Brasil tenham seu espaço reconhecido. O conhecimento sobre as línguas minoritárias, reconhecendo-lhes o valor, desenvolverá atitudes positivas em relação a elas e, conseqüentemente o preconceito em relação a elas e a seus falantes.

## Referências

BAGNO, M.; RANGEL, E. O. Tarefas da educação linguística no Brasil. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**. v. 5, n.1, p. 63-81, 2005. **crossref**  
<http://dx.doi.org/10.1590/S1984-63982005000100004>

BUCHMANN, E. T. **A trajetória do sol**: um estudo sobre a identidade do imigrante polonês

no sul do Brasil. Curitiba: Fundação Cultural, 1995.

COELHO, L. A. L. Tal objeto tal dono. In: MOITA LOPES, L. P. da; BASTOS, L. C. (orgs.). **Identities: recortes multi e indisciplinados**. São Paulo: Mercado de Letras, 2002.

FRITZEN, M.P. “**Ich kann mein name mit letra junta und letra solta schreiben**”: bilinguismo e letramento em uma escola rural localizada em zona de imigração alemã no sul do Brasil. Campinas, SP:2008 (Tese de doutorado)

HALL, S. **Quem precisa da identidade?** In: SILVA, T.T da (Org.) **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 13ª ed. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2013, p. 103-133.

IAROCHINSKI, U. **Saga dos polacos**. Curitiba, PR, 2000.

JUNG, N. M.; SEMECHECHEM, J. **Eventos religiosos e suas práticas de letramento em comunidades multilíngues e multiculturais**. Fórum Linguístico, Florianópolis, v.6, n. 2 (17-37), jul-dez, 2009.

OLIVEIRA, M. de. **Organizações sociais dos imigrantes poloneses e seus descendentes em Curitiba (Brasil, 1890-1938)**. In: MARTINS, I.L.; HECKER, A. (Orgs.) **E/imigrações: histórias, culturas, trajetórias**. 1ed. São Paulo: Expressão e Arte Editora, 2010.

POLANCZYK, A. J. **O imigrante polonês e a colônia Guarany**. Porto Alegre: Renascença: Edigal, 2010.

RODRIGUES, A. Tarefas da linguística no Brasil. **Revista Brasileira de Linguística Teórica e Aplicada**. v.1, n. 1, p. 04-15, 1966.

SILVA, T. T. da. **A produção social da identidade e da diferença**. In: SILVA, T.T da (Org.) **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 13ª ed. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2013, p. 73-102.

STAWINSKI, A. V.; BUSATTA, F. F. **Josué Bardin: história e religião das colônias polonesas**. 1ª ed. Caxias do Sul, RS: Ed. UCS, 1981.

URBAN, J.; URBAN, T. **Tu i tam = Aqui e lá: memória da imigração polonesa no Paraná**. João Urban, fotografia; Teresa Urban, textos. Primeiro de Maio, PR: Edições Mirabilia, 2004.

WOODWARD, K. **Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual**. In: SILVA, T.T.da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 13ª ed. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2013, p. 07-72

Artigo recebido em: 29.04.2014

Artigo aprovado em: 03.07.2014